



O JORNALISTA E O SOLDADO

Octávio Costa

Palavras do General Octávio Costa, agradecendo, por delegação do Comandante do 1 Exército, General Gentil Marcondes Filho, a homenagem prestada, ao Exército Brasileiro, pela Ordem dos Velhos Jornalistas, no Almoço-Convívio, realizado, no dia 26 de agosto de 1980, no Clube Militar, assinalando o transcurso do Dia do Soldado.

Do alto da ladeira do seu tempo vivido, o menino que resistiu a tudo nos assegura: — Amanhecemos a existência!”

Assim interpreto, cumprindo delegação do eminente chefe e amigo, General GENTIL MARCONDES FILHO, e valendo-me da sensibilidade do maranhense BANDEIRA TRIBUZZI, palavras, gestos e intenções dos velhos jornalistas aos velhos soldados, no marco das homenagens ao DUQUE DE CAXIAS, o soldado-símbolo da nação brasileira.

Devo confessar haver encontrado, desde logo, “o menino que resistiu a tudo”, em vossa opção primeira — tão simples, tão pura e, por isso mesmo, tão nobilitante — de reunião para a fraternidade jornalística e para o refúgio da vida da imprensa, sob o despojado e transparente título de “Ordem dos Velhos Jornalistas”.

Do “alto da ladeira do tempo vivido”, velhos jornalistas e velhos soldados buscamos os traços da convergência, silênciamos eventuais divergências e dis-

senso, nos entendemos à perfeição. Mas para visarmos à verdadeira compreensão entre Imprensa e Exército (Forças Armadas, por extensão e completa identificação), entre nossos ofícios e vocações, entre nossas instituições, de alto a baixo, é preciso amanhecer a existência. Daí porque encontro, na busca do entendimento, pelos caminhos dos contrastes e confrontos, o sentido deste agradecimento.

Amanhecemos nossa existência, sentindo, outra vez, as inquietudes, as irreverências e os afãs libertários dos começos de repórter setorista e a impulsividade e energia dos capitães, para identificar diferenças de nossas peles e polpas, desigualdades resultantes de nossas missões diversas, no anseio de nos conhecermos, mais fundamente, uns aos outros, atendendo melhor à necessidade de nossa compreensão.

É preciso, desde logo, reconhecer que o núcleo de possíveis incompreensões no relacionamento entre soldados e jornalistas está em que, enquanto o fato,

para nós, é quase sempre notícia, para nós outros, é informação. E, para o jornalista, haverá de ser ainda mais notícia, com mais valia e mais sabor, na medida em que for mais incomum; no que sensibilize toda a gente e se faça concernente a cada um; no que interesse ao bolso do cidadão e aos anseios do povo; no que afete os governos; no que sugira qualquer injustiça; no que provoque emoção e reação; no que envolva sensacionalismo e violência: assassinatos, roubos, cataclismos, desintegração. Respeitemo-nos, portanto, reconhecendo que, enquanto somos oficiais do ofício da discrição e do sigilo — que está na raiz da surpresa, um dos princípios fundamentais da arte da guerra — e assim voltados para dentro, infensos a notoriedade e promoção, vós sois voltados para fora, para a emoção e o alarido, cumprindo-vos devassar a vida e, a nós, apenas, guardá-la e resguardá-la.

O jornalista é o homem de todas as paixões ou das paixões mais complexas, sendo o soldado o das paixões simples ou de uma só paixão: a pátria, o seu dever.

Também é preciso lembrar que o processo decisório do militar exige clara distinção entre aliados e adversários; que em nossos quartéis só pode haver uma ideologia, enquanto outras convivem em vossas oficinas; que nossa instituição e nossa carreira devem ser fechadas, enquanto as vossas são abertas; e que, enquanto o produto do vosso trabalho é um bem de consumo diário, permanentemente executado, até mesmo antes de qualquer aprendizagem formal, o nosso é de consumo de exceção, sendo a nossa vida constante adestramento para um altíssimo e nobre dever que, nós mesmos, somos os primeiros a queref que o destino nunca nos exija.

Por força de nossa formação para a ação diante do perigo, somos homens de definições, de certezas, de entusiasmos firmes, treinados para fazer valer nossa vontade sobre a vontade do inimigo, enquanto vós outros, jornalistas, podeis vos dirigir para as indagações, as dúvidas, as suspiciões, e tendes o vezo, quando não a obrigação, de reduzir as intenções, reformas, governos e cruzadas. Em uma síntese: enquanto a confiança e a fé são alimentos indispensáveis do soldado, o jornalista brasileiro, para me valer de expressão que encontrei em HÉLIO PÓLVORA, prefere ou precisa rir antes de crer. E esta é a razão para o extraordinário talento de nossa Imprensa, além de outros talentos, no que se refere a humorismo e caricatura, a sarcasmo, a maledicência, a verrina, a ironia e a gozação, motivo para que floresçam, no perpassar das gerações, cada vez mais inspirados, os GREGÓRIOS DE MATOS e os BARÕES DE ITARARÉ.

Eis-nos, porém, identificados em tanta coisa mais profunda, e intimamente irmanados, porque são semelhantes nosso amor à disciplina — na obediência às normas da profissão, nossa autoridade e frugalidade, o idealismo, a renúncia e, acima de tudo, o mesmo espírito de missão, a exigir-nos desprendimento e sacrifício, em vossas pautas de trabalho e em nossas obras de serviço.

Somos todos oficiais do ofício do primado da vocação, que menos se faz nos bancos escolares que no coração de cada um. E para comprová-lo, aqui está a "Ordem dos Velhos Jornalistas" a confirmar a afirmação de saudoso chefe militar: "os velhos soldados se despedem mas não se vão".

Congregam-nos nossos ofícios, irmãos no movimento, no risco, no ines-

perado, na aventura, na luta contra o tempo — a exigir instantaneidade de iniciativas e decisões, e, afinal, no anseio de renovação, porque estamos sempre a mirar o futuro, para bem situar-nos em nosso tempo, e aqueles de nós que pou-sarem no passado já não serão jornalistas, já não serão soldados.

Nossas instituições são milagres do trabalho coletivo, do espírito de equipe, do poder de cooperação, das messes da doação individual, porque jornais e quartéis são colméias humanas, onde qualquer serviço é igualmente nobre, na diversidade de tarefas que variam desde o esforço manual à mais complexa elaboração mental.

Somos, a um só tempo, instrumentos de luta e de compreensão entre os homens.

Imprensa e Forças Armadas, a serviço do bem comum, ajudam a fazer a História; o soldado, por sua presença de exceção nas encruzilhadas do tempo; e o jornal, com sua permanência no transitório, como elo de uma só corrente, que torna o homem e a opinião pública solidários e participantes nos destinos da humanidade.

Integramos o mesmo amor à verdade, à justiça, à liberdade, e à democracia, podendo Imprensa e Forças Armadas, no Brasil, considerar-se entre os construtores da sociedade pluralista, a que se referiu o Papa JOÃO PAULO II em sua memorável fala aos homens de cultura.

Eis, pois, porque são mais vigorosos nossos impulsos para o entendimento, a cooperação e a convergência; porque nos encontramos, no passado, ajudando a fazer a independência, a abolição, a república, e a conviver em difíceis crises de nossa evolução democrática.

“Em todas as fases da vida nacional dos povos, a Imprensa tem sido o arauto

das aspirações populares e, não raro, segura orientadora de seus destinos, no exercício de sua nobre tarefa educacional”. São palavras de agradecimento do saudoso Marechal MASCARENHAS DE MORAES, aos notáveis esforços de nossos correspondentes de guerra, acrescentando que “destarte, no dramático desenrolar desta guerra, as democracias tiveram na Imprensa dos povos livres, uma arma poderosa a serviço da verdade, da razão e da justiça. Eis porque viemos encontrar nos campos de batalha modernos, ao lado de soldados que empunham as armas em defesa da liberdade, outros soldados que manejavam a pena a serviço da civilização”. Era o merecido preito ao talento e à coragem de RAUL BRANDÃO, JOSÉ BARRETO LEITE, EGYDIO SQUEFF e aos inspiradíssimos cronistas, aos quais tanto deve a História da FEB: RUBEM BRAGA e JOEL SILVEIRA, a cujo lado, tenente ainda, no mesmo abrigo, testemunhei o drama que o levaria a escrever a inesquecível página “eu vi o sargento WOLFF morrer”.

Eis porque, anualmente, se renovam estes encontros de confraternização, primeiro, ainda na Associação Brasileira de Imprensa, no tempo do saudoso presidente DANTON JOBIM, há onze anos atrás, em momento que o Ministro LYRA TAVARES considerou ter sido um dos mais gratos e inesquecíveis “do Brasil de minha geração”. E, porque, graças à vossa hospitalidade e à vossa generosidade, temos nos reunido, nos últimos anos, nesta Ordem modelar, com o privilégio de ser saudados por homens do valor moral e intelectual de JOAQUIM INOJOSA DE ANDRADE, de BENJAMIN MORAES FILHO, de TEOPHILO DE ANDRADE e desse infatigável pernambucano um pouco cearense,

bisneto do grande tribuno e jornalista ANTONIO VICENTE DO NASCIMENTO FEITOSA — nosso amigo BELARMINO MARIA AUSTREGÉSILO AUGUSTO DE ATHAYDE, que soube interiorizar as virtudes do seminário, para ser melhor professor, jornalista, tribuno, escritor, acadêmico, e co-autor destacado da mais fecunda obra literária dos nossos tempos, a Declaração Internacional dos Direitos Humanos.

Eis, porque, velhos jornalistas e velhos soldados, voltados sempre para o futuro, para a renovação, para a mudança, para os destinos da pátria comum e para a realização das mais legítimas aspirações do povo brasileiro, torno ao princípio para afirmar-vos a convicção de que, na vibração desses ideais mais altos, "amanheceremos a existência".

Aqui fica, aos queridos velhos jornalistas, e, por extensão, a todos os jornalistas, o agradecimento do Exército, pela minha pobre voz, na generosa delegação do General GENTIL.

Bem sei que, sem acrescentar nada de novo, pisei terreno pedregoso de contrastes e confrontos. Perdoai-me, amigos, o arroubo e a imprudência. É que tentei rezar convosco o refrão de um velho poema hebraico, cuja essência, devendo ser a obsessão do vosso ofício, é também a viga mestra do caráter do soldado:

"Três verdades há no mundo:
a verdade e a verdade
e o fulgor da verdade."